

SIMONIAN, L.T.L. 1996b. *Políticas e Ações do Setor Público e da própria População Tradicional nos PAEs Maracá (AP)*. Relatório Preliminar. Belém, 20p. Manuscrito.

SIMONIAN, L.T.L. 1996c. Desenvolvimento Sustentável e Áreas dos PAEs Maracá, AP. SEMINÁRIO "O AMAPÁ NO CONTEXTO AMAZÔNICO". Berlim, Instituto Latino-Americano/Instituto Ibero-Americano. fev. Manuscrito.

SIMONIAN, L.T.L. 1995. Reservas extrativistas, populações tradicionais e manejo. SEMINÁRIO "RESERVAS DA BIOSFERA E POPULAÇÕES TRADICIONAIS". Belém, UFPA-UNAMAZ-Museu Paraense Emílio Goeldi. Manuscrito.

SIMONIAN, L.T.L. 1994. *Mulheres e crianças nos PAEs Maracá (AP): a problemática do trabalho e do Lazer*. Belém, 37 p. Manuscrito.

SIMONIAN, L.T.L. 1993a. *PAEs Maracá - Breve Histórico*. Macapá, IEA. Manuscrito.

SIMONIAN, L.T.L. 1993b. Invasões, devastação e violência - os resultados da BR 156 nos PAEs Maracá. *Folha do Amapá*, 5: 8-9. nov.

SIMONIAN, L.T.L. 1993c. *This Bloodshed Must Stop: Land Claims on the Guarita and Uru-Eu-Wau-Wau Reservations, Brazil*. Nova Iorque, Universidade da Cidade de Nova Iorque. Ph.D. Dissertation.

SIMONIAN, L.T.L. 1993d. *Dossiê: várias informações técnicas*. Macapá, Arquivo IEA/REBRAF.

SIMONIAN, L.T.L. 1986. Babaçuais e trabalho feminino no PNRA - à Guisa de uma proposta. Informação Técnica 110. Brasília, MIRAD, 6p. Manuscrito.

TAVARES, M.C. & FIORI, J.L. 1993. *Desajuste Global e Modernização Conservadora*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

TRÓPICO em Movimento: *Alternativas Contra a Pobreza e a Destruição Ambiental no Trópico Úmido*. 1994. Belém, UFPA/POEMA.

UHL, C. 1983. You Can Keep a Good Forest Down. *Natural History*, 4(83):71-79.

VIDAL, L. & GIANNINI, I. 1991. Xicrin do Cateté Exploram Madeira e São Explorados por Madeireiros. In: *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo, CEDI, p.315-318. (Aconteceu Especial, 18).

VOGT, K.; PIÑEDO-VASQUES, M. & ALLEGRETTI, M. 1991. "Desenvolvendo Alternativas Sustentáveis para Reservas Extrativistas no Amapá, Brasil". Brasília, IEA/WWF. Manuscrito. 8p.

WILSON, E.O. 1992. *The Diversity of Life*. Cambridge, The Belknap Press of Harvard University Press.

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA EM COMUNIDADES AGROEXTRATIVISTAS DO ESTUÁRIO AMAZÔNICO

Simone Arzeni
Mário Augusto Gonçalves Jardim

Resumo

Estuda os tipos de relações e a importância relativa das atividades agroextrativistas nas comunidades do rio Marajoí, no município de Gurupá, Estado do Pará, Brasil. Foi realizado um levantamento socioeconômico por meio de questionários, aplicados a 29 famílias. Os resultados mostraram que o bom gerenciamento dos recursos humanos e financeiros da família é consequência da distribuição da mão-de-obra entre as atividades de geração de renda (frutos, palmito e madeira) e produção de alimentos de autoconsumo (pesca, caça e agricultura familiar). Demonstraram que o trabalho, planejamento e a organização social da comunidade romperam laços econômicos com os intermediários e possibilitou melhor padrão de vida.

Introdução

No estuário amazônico, as relações comerciais ocorrem entre extrativistas e comerciantes (marreteiros, atravessadores ou regatões) que costumam trocar produtos extraídos da floresta com produtos alimentares (feijão, arroz, óleo de cozinha etc). Desta forma, os moradores ribeirinhos vivem à mercê de pessoas que fazem deste comércio a própria sustentação e se aproveitam do sistema econômico. Este tipo de troca, também

chamada de “aviamento” é muito antigo e, portanto, de difícil alteração. Desde a “implantação da política de desenvolvimento estabelecida pelo Marquês de Pombal.....o escambo, ou a troca de mercadorias [era] a base da realização mercantil dos produtos de origem extrativa” (Oliveira Jr., 1990).

O rio Marajoí é um rio de antiga extração de palmito de açai (*Euterpe oleracea* Mart.), onde em 1974 chegaram os primeiros palmiteiros vindos da Ilha do Marajó, iniciando a devastação dos açazais, que não atingiu resultados mais drásticos devido à intensa conscientização realizada pela igreja e o sindicato dos trabalhadores rurais. Foi assim que alguns habitantes passaram a valorizar o sistema tradicional do extrativismo. A partir de 1989, estes moradores começaram a cuidar dos próprios açazais com práticas de manejo às vezes empíricas, mas que permitiram a conservação deste recurso tão importante na alimentação e economia das famílias ali residentes (Oliveira Jr. & Nascimento 1991).

O objetivo desse trabalho foi realizar o diagnóstico das atividades agroextrativistas exercidas pelas famílias das comunidades do rio Marajoí, município de Gurupá, Estado do Pará, visando identificar subsídios econômicos e sociais que possam auxiliar na elaboração de uma política local de desenvolvimento sustentável.

Metodologia

Caracterização das Áreas de Estudo

O rio Marajoí é um afluente do rio Amazonas que se encontra a 42 km da sede do município de Gurupá, cerca de 4 horas em transporte fluvial. Neste rio estão localizadas três comunidades, segundo os critérios da igreja católica local: comunidade do Baixo Marajoí (com 42 famílias); Médio Marajoí (com 48 famílias) e Alto Marajoí (com 71 famílias), nessa região encontram-se os dois principais ecossistemas florestais: várzea e terra-firme.

Do ponto de vista fisiográfico, as comunidades apresentam as seguintes características: Baixo Marajoí – área tipicamente de várzea, com uma faixa mais alta próxima ao rio e depois mais baixa no centro. No lado direito, próximo às cabeceiras do rio estão as áreas sujeitas às inundações do rio chamadas de “tesos”; Médio Marajoí – apresenta algumas peculiaridades do Baixo Marajoí, muito embora a várzea baixa do centro seja progressivamente substituída por igapós e, nos seus arredores, por áreas de terra firme e no Alto Marajoí, a várzea praticamente desaparece, dando lugar ao igapó e à terra firme (Pires, 1979).

Coleta das Informações

Para analisar as estratégias de sobrevivência das famílias ribeirinhas do rio Marajoí, no município de Gurupá (Pa), foi realizado em agosto de 1999, um levantamento de dados do tipo socioeconômico. O estudo teve como enfoque a análise das relações de trabalho produtivas e comerciais de cada estabelecimento familiar, durante um ciclo agrícola que praticava a agricultura familiar e participava da construção da fábrica comunitária de palmito manejado. O motivo é que estas famílias começaram as experiências de manejo dos açazais e procuraram encontrar outras formas alternativas de sobrevivência, além da agricultura familiar.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com questionário específico, baseados na metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo (Feuerstein, 1990). O questionário abordou as seguintes informações: composição da família, relações de parentesco, idade e grau de instrução de cada membro, alocação do trabalho, principais atividades, distribuição das atividades ao longo do ano e a renda monetária obtida nas atividades.

A sistematização e a elaboração dos dados foram direcionadas à variação da ocupação do trabalho e da renda monetária nas várias atividades ao longo do ano, a fim de estabelecer, com critérios mais objetivos, a importância relativa de cada uma no orçamento familiar. Foram calculados, para cada família e atividade, os valores mensais e anuais dos dias de trabalho e da renda monetária, assim como o rendimento do trabalho. Utilizaram-se na análise apenas os dados obtidos por média aritmética para reduzir os possíveis erros do levantamento e as diferenças que, evidentemente, existem entre as famílias.

Resultados e Discussão

Em particular, o que mais despertou atenção foi a diversificação das atividades e a divisão da mão-de-obra entre os membros da família e entre os diferentes períodos do ano. Isto permite garantir o provisão de bens alimentares para o autoconsumo e geração de renda e a compra de bens não alimentares. Esta diversificação das atividades produtivas e extrativistas das famílias do rio Marajoí foi encontrada, também, na Ilha do Marajó (Pa) por Murrieta *et al.* (1989) no rio Marajó-Açu, por Brabo (1979) no município de Muaná e Arzeni (1996) no município de Ponta de Pedras.

As famílias e sua composição

As 29 famílias entrevistadas são constituídas, em média, por 6,8 pessoas somando 197 pessoas. Destas 197, apenas 87 pessoas (44%) têm idade superior a 14 anos e são consideradas ativas. Isto significa a média de três pessoas ativas por cada família. No caso específico do rio Marajó, as crianças com idade inferior aos 14 anos (a partir dos 7-8 anos) já contribuem na economia familiar, em particular na atividade da colheita do açaí. Esta atividade é lucrativa e pode ser realizada por crianças, devido à capacidade de subirem nas palmeiras e pelo trabalho não ser pesado. A maior parte dos habitantes do rio Marajó nasceu no local. O tempo de ocupação da terra está condicionado ao número de touceiras de açaí existentes, de maneira que possa ser praticada, constantemente, a atividade extrativista.

Trabalho e renda ao longo do ano

As atividades produtivas das famílias são diversificadas. Algumas geram renda na extração de palmito e no beneficiamento da conserva nas fabriquetas familiares; na extração e venda dos frutos de açaí (que servem também ao autoconsumo) e na exploração de madeira. Outras atividades são exclusivas da alimentação familiar, como por exemplo, o cultivo da mandioca visando à produção de farinha, à pesca e à caça. As atividades que mais ocupam mão-de-obra fornecem renda ou então influenciam no sustento alimentar da família. Em ordem de importância, tem-se: a extração de madeira e o corte de palmito para a fábrica comunitária. Quase todas as famílias se ocupam das diferentes atividades, sendo uma ou duas predominantes e as outras complementares (Tabela 1).

Tabela 1 - Importância relativa (%) das atividades exercidas e número de famílias por atividade principal nas comunidades do rio Marajó, município de Gurupá, Estado do Pará.

	Açaí	Pesca	Caça	Madeira	Roça	Palmito (cabeça)	Palmito (cons.)	Outra
Nº de famílias	29,00	28,00	27,00	27,00	26,00	22,00	18,00	10,00
Porcentagem (%)	100,00	97,00	93,00	93,00	90,00	76,00	62,00	34,00
Atividade Principal	13,00			1,00	3,00	7,00	5,00	4,00

A extração dos frutos de açaí é a atividade principal exercida por todas as famílias, sendo que para 13 famílias é mais importante na geração de renda e/ou autoconsumo. A alimentação por meio da pesca e caça é fundamental no abastecimento familiar. Cerca de 97,0% praticam a pesca e 93,0% , a caça. Para 93,0% das famílias, a extração de madeira para venda é considerada complemento do orçamento familiar, especialmente nos momentos de necessidade. A preparação de roças, onde é plantada quase exclusivamente mandioca, é praticada por 90,0% das famílias. As roças permitem a produção de farinha que é o alimento básico na dieta local. No entanto, é praticada apenas por 3,0% das famílias devido ao pouco retorno econômico. A extração e venda da cabeça do palmito são atividades de importância econômica depois da extração dos frutos do açaí e desenvolvida por 22 famílias, representando 76,0%, porém, das 22 famílias, apenas em 7 famílias é uma atividade que faz parte do dia a dia, as demais atuam esporadicamente. Ainda em relação ao palmito, 18 famílias (cerca de 62%) beneficiam o palmito nas residências.

Das 29 famílias estudadas, existem 10 que têm fonte de renda independente das atividades extrativistas e agrícolas, como os trabalhadores da fábrica comunitária de palmito (3), aposentados (4), agentes de saúde (2), proprietários de pequena serraria (2), professor (1) e marreteiro de palmito (1).

Em estudo desenvolvido por Anderson *et al.* (1994) em uma comunidade ribeirinha do município de Breves, na ilha do Marajó (PA), foi demonstrado que a atividade extrativa do palmito representou 57,0% da renda total familiar, seguida da extração de madeira. As atividades foram sazonais, sendo a exploração do palmito realizada na estação seca e o corte de madeira na chuvosa.

A ocupação do trabalho tem andamento cíclico ao longo do ano e está relacionado com o período quente, chuvoso e os níveis das marés. No período chuvoso (meados de janeiro a junho) o aumento no nível das águas torna mais difícil o acesso às áreas mais baixas da várzea e do igapó. Portanto, os meses de janeiro e fevereiro são de menor atividade. Em março, a extração de madeira e a colheita dos frutos de açaí são as atividades prioritárias. Os meses de abril a junho são os de maior atividade na extração de açaí, cuja curva ao longo do ano é muito característica (Figura 1). Em julho, com o início do verão e a diminuição do nível das águas do rio, as atividades se tornam mais diversificadas, neste caso estão incluídas a colheita do açaí e todo o preparo das roças até o plantio nos meses de novembro e dezembro.

Para as famílias, esta ocupação do trabalho é bastante variável em função da composição familiar e do tipo de atividade desenvolvida que pode variar de 23 a 131 dias ao longo do ano (Tabela 2) e com três pessoas ativas por família representa em torno de 158 dias de trabalho por pessoa/ano.

A distribuição da mão-de-obra é proporcional entre as atividades geradoras de renda e aquelas para produção de alimentos e autoconsumo. Os produtos do açazeiro são os que recebem maiores cuidados, ocupando 54,4% do tempo. A pesca e a caça ocupam 23,2% da mão-de-obra familiar. O resto do tempo é dividido entre as atividades de roça, exploração de madeira e outras atividades representando cerca de 22,4%.

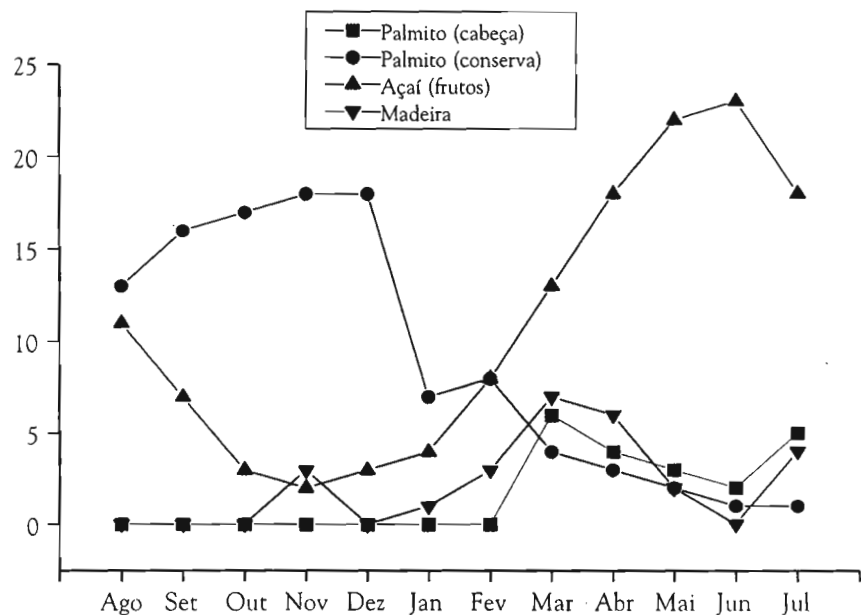


Figura 1 - Média dos dias de trabalho/mês das atividades geradoras de renda nas comunidades do rio Marajoí, município de Gurupá, Estado do Pará.

Tabela 2 - Média anual de dias de trabalho por atividade no rio Marajoí, município de Gurupá, Estado do Pará.

	Açai	Palmito (cons.)	Roça	Pesca	Caça	Madeira	Outra	Palmito (cabeça)	Total
Dias de trabalho	131	105	50	55	55	29	28	23	476
Porcentagem (%)	27,50	22,10	10,50	11,60	11,60	6,10	5,90	4,80	100,00

A divisão do trabalho é planejada de maneira que cada membro da família contribua nas atividades. Os homens são envolvidos em todas as atividades, principalmente no corte de palmito, na extração de madeira e na roça. As mulheres cuidam das atividades domésticas e dos filhos, mas também ajudam no trabalho da roça, na produção da conserva do palmito e algumas vezes na pesca. Os filhos com idade inferior aos 14 anos ajudam os pais nas diversas atividades, mas a ocupação principal concentra-se na extração de frutos do açai, pois é considerada mais adequada e representa grande contribuição na economia familiar. As filhas ajudam a mãe nas atividades domésticas, cuidando dos irmãos menores e, às vezes, também colhem frutos do açazeiro.

A participação das crianças na colheita dos frutos do açai garante uma renda significativa para a família. O que poderia ser visto como "exploração do trabalho infantil" é na realidade, segundo a comunidade, a valorização do que acontece em outros trabalhos que envolvem menores de idade. Geralmente, os filhos não recebem pagamentos pelo trabalho realizado, mas a renda obtida (cerca de R\$ 300,00 por safra de açai) permite a aquisição de roupas e outros bens por parte dos pais. Em um dos casos estudados, o pai gratificou os filhos com dois ou três reais por dia de trabalho e apenas em dois casos o pai deixou que o filho ficasse com o produto da venda do açai: um deles ganhou durante a safra R\$ 300,00 que adquiriu roupas e consumiu em festas; o outro ganhou R\$ 120,00 e gastou apenas R\$ 10,00.

A renda das famílias também tem andamento cíclico voltada, especificamente, para extração e beneficiamento artesanal do palmito em conserva e na extração de frutos do açazeiro (Figura 2). Essas atividades têm rendimento imediato, excluindo a madeira, em virtude do baixo valor comercial no local.

Os dados levantados sobre a renda das famílias consideraram valores a cada um dos produtos comercializados. Isto não quer dizer que se trate, na prática, de renda, pois, na maioria dos casos, não é recebido dinheiro pela venda destes produtos e sim trocados por outras mercadorias. Portanto, seria talvez correto falar de renda "não monetária".

Da mesma forma, não foi considerado o autoconsumo que representa parte das produções, principalmente no que se refere à pesca, à caça e aos produtos provenientes da roça, cuja necessidade de mão-de-obra é elevada e a renda muito reduzida ou ausente, exatamente porque fornecem produtos apenas para o autoconsumo e que, geralmente, não são comercializados. Um caso particular seria o suco do açai para consumo.

O valor médio da renda anual por família é de pouco mais de R\$ 3.500,00, ou seja, R\$ 293,31/mês com menor valor em janeiro (R\$ 144,19) e maior valor em maio (R\$ 439,28) (Figura 2 e Tabela 3). Esta variação ocorre em decorrência da falta de trabalho em janeiro e da venda do açaí no mês de maio. O fruto do açaizeiro representa a maior fonte de renda para os agricultores familiares.

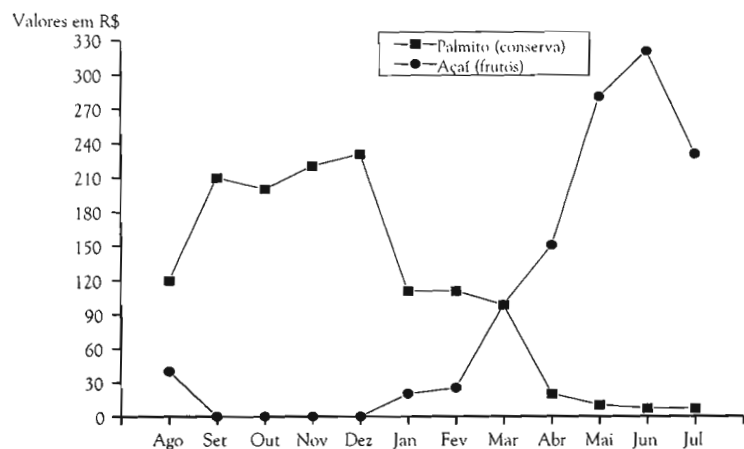


Figura 2- Média da renda monetária/mês e por atividade de uma família do rio Marajó, município de Gurupá, Estado do Pará. 1 R\$ = 0,90 U\$.

Tabela 3 - Renda média anual por atividades exercidas por famílias nas comunidades no rio Marajó, município de Gurupá, Estado do Pará.

	Palmito (cons.)	Açaí	Outra	Madeira	Palmito (cabeça)	Total
Renda média anual (R\$)	1.372,76	1.113,48	417,03	355,79	257,24	3.519,75
Porcentagem (%)	39,00	31,70	11,90	10,10	7,30	100,00
Valores máximos (R\$)	5.850,00	5.050,00	4.104,00	1.000,00	1.700,00	

A renda anual máxima de uma das famílias chega a R\$ 7.950,00, ou seja, R\$ 662,50/mês. Esta família é proprietária de grandes áreas de açaizais, de onde obtém parte da renda produzindo palmito em conserva e comercializando frutos do açaí.

Analisando a relação que ocorre entre o total do trabalho e da renda das cinco atividades acima mencionadas, notam-se dois picos: o primeiro no fim do verão coincidente com o período que antecede a festa de São

Benedito, quando se ocupando na extração de palmito e de madeira os trabalhadores buscam o maior rendimento possível no fim do inverno correspondente à safra do açaí.

Esta relação demonstra que as atividades mais rentáveis e que proporcionam um bom rendimento são a extração de frutos do açaí (além dos R\$ 13,00 por dia) e a extração de palmito, ou seja, os dois produtos do açaizeiro (Tabela 3).

Relações comerciais

O isolamento que caracteriza o rio, especialmente nas regiões mais internas, fez com que as relações comerciais sempre ocorressem com comerciantes (marreteiros). Esses percorrem a região com os seus próprios barcos, levando mercadorias até às casas de cada família. O pagamento se dá através da troca de mercadorias por palmito em conserva. A conserva é produzida pelas próprias famílias utilizando o palmito extraído dos açaizais de seus terrenos e utilizando materiais (potes e produtos químicos) fornecidos pelos marreteiros. O sistema é do aviamento pelo qual o marreteiro fornece a mercadoria e deixa uma quantidade de caixas vazias que são ocupadas com palmito dos produtores cujo valor corresponde à mercadoria comprada do marreteiro (Arzeni, 1996).

Outro tipo de produto que respeita as mesmas regras é o fruto do açaí. Os marreteiros, em lugar das caixas, deixam alguns paneiros vazios e, geralmente, pagam em dinheiro. Diferente é o caso da madeira, pois o "patrão" financia as mercadorias durante todo o tempo de trabalho (dois ou três meses na época chuvosa) para depois descontar o valor nas toras de madeira extraídas pelo produtor local.

As relações comerciais ocorrem, no caso do palmito e do fruto do açaí, entre o produtor e vários marreteiros ao mesmo tempo. Isto permite ao primeiro ter pequenas dívidas com muitos credores e, desta forma, não fica "aperreado". Apenas 5 dos entrevistados têm relação exclusiva com um "patrão" e, geralmente, é devido aos empréstimos adquiridos ou pelo adiantamento para pagar um terreno.

Os preços médios dos produtos (Tabela 4) são R\$ 7,50 para cada caixa de 15 potes de um quilo de conserva de palmito, R\$ 5,00 a 2,00 para cada paneiro de açaí de cerca de 15kg, conforme o momento da safra e valores variáveis para a madeira (dependendo da espécie e da qualidade). O que mais impressiona não é o baixo preço pago para os produtores, mas os preços elevados das mercadorias (Tabela 5). A margem de lucro em

média é de 150%, com preços que são, normalmente, três a quatro vezes maiores que na cidade e o dobro em relação à revenda comunitária anexa à fábrica.

No momento do levantamento foram contados no rio Marajoí 17 marreteiros, cuja atividade pode ser única ou dupla, por exemplo: 12 deles compram palmito (sendo que três compram, também, açaí e dois madeira), 7 compram açaí (incluindo os três que, também, compram palmito) e 2 madeira. Apenas um marreteiro vende mercadorias em troca de dinheiro, mas as financia a prazo.

Tabela 4 - Preços médios pagos por comerciantes (marreteiros) pelos produtos das comunidades do rio Marajoí, município de Gurupá, Estado do Pará. 1 R\$ = 0,90 US\$.

	Unidade	Preço (R\$)
Frutos de açaí	1 paneiro de 12 a 15kg	2,00 a 5,00 ^(a)
Palmito	1 caixa de 15 potes de 1kg de conserva (peso bruto)	7,50
Madeira	m ³	10,00 a 20,00 ^(b)

^(a) O preço dos frutos de açaí variam conforme o momento da safra.

^(b) O preço da madeira depende da espécie e da qualidade.

Tabela 5 - Preços médios de algumas mercadorias vendidas por comerciantes (marreteiros) e na cantina da fábrica comunitária de beneficiamento de palmito manejado nas comunidades do rio Marajoí, município de Gurupá, Estado do Pará. 1 R\$ = 0,9 US\$.

Produto	Medida	Preço no marreteiro	Preço na cantina	Diferença (%)
Açúcar	kg	2,50	0,80	312
Café	kg	20,00	6,00	333
Ovo de galinha	Unidade	1,00	0,10	1.000
Agulha (de costura)	Unidade	1,00	0,10	1.000
Chumbo (para caça)	kg	50,00	3,0	1.666

O início do funcionamento da fábrica comunitária permitiu alterar, parcialmente, as relações comerciais com os marreteiros. Os trabalhadores passaram a entregar as cabeças de palmito bruto, recebendo melhor preço e adquiriram mercadorias na cantina a preços acessíveis. O beneficiamento do palmito na fábrica comunitária permitiu elevar para R\$ 0,50 a unidade da cabeça do palmito. Esse valor é mais que o dobro obtido nas fabriquetas familiares onde se obteve a média de R\$ 0,20.

Isto explica a evidente queda na extração de palmito para a produção de conserva que ocorreu a partir do mês de janeiro, conforme visto na Figura 2. A queda foi devido à redução natural por causa da estação chuvosa e pelo início do funcionamento da fábrica comunitária em março. Neste período, muitos sócios começaram a entregar o palmito bruto na fábrica, parando (ou reduzindo) o beneficiamento na fabriqueta familiar. A tendência sucessiva foi do corte de palmito em cabeça substituir, progressivamente, o corte para a produção de conserva.

Mesmo assim, 13% dos 29 entrevistados, ainda, produzem o palmito em conserva nas próprias fabriquetas, porque as relações com os marreteiros continuam fortes por questões pessoais e dívidas.

Novas práticas produtivas e comerciais

Há alguns anos, os moradores do rio Marajoí estão praticando técnicas de manejo e implementando experiências econômicas comunitárias de comercialização da sua produção, com a finalidade de tentar conservar e aumentar o potencial produtivo dos açaizais e, assim, alcançar o desenvolvimento sustentável desejado, mas muitas vezes deixado em segundo plano, na prática.

A difusão e o aperfeiçoamento de técnicas de manejo dos açaizais foram discutidos nas comunidades visando à melhor forma de aplicação. Entre os principais pontos, destaca-se o favorecimento da produção de frutos em relação ao palmito, já que o primeiro produto apresenta valor mais elevado e maior facilidade de escoamento no mercado.

O segundo ponto foi a necessidade de orientar a comunidade sobre as técnicas de manejo que poderiam ser aplicadas. O raleamento da mata tradicionalmente realizado pelos trabalhadores locais, não é suficiente para aumentar o nível produtivo do açaizal (Arzeni 1996; Jardim 1995, Mesquita & Jardim 1996). Entre outras, o desbaste da touceira e do perfilhamento são operações fundamentais que, além de favorecer a produção de frutos, parece influenciar no período da safra.

Por fim, a identificação da melhor época para a realização do manejo coincide com a estação seca (o verão), quando o nível das águas diminui favorecendo a entrada nas áreas. Esta época é de melhor renda, por isso, é de fundamental importância o estudo de possíveis financiamentos para a prática do manejo.

As experiências comerciais voltadas ao aumento da renda estão em torno dos produtos do açaizeiro. Para os frutos do açaí, estão sendo

estudadas formas de beneficiamento (extração da polpa e sua conservação) para a agregação de valor ao produto e a sua comercialização. Para o palmito, desde março de 1997 está funcionando uma das primeiras fábricas comunitárias do país. Esta beneficia o palmito proveniente de áreas manejadas garantindo o controle do tipo de palmito extraído e do pagamento de preços favoráveis aos produtores. A fábrica permitiu a redução na quantidade necessária de cabeças de palmito que teriam que ser cortadas, para se obter a renda suficiente para sustentação da família. Estas iniciativas contribuem com a conservação do recurso natural e estimula a prática do manejo como técnica necessária para obtenção de palmito de qualidade, o que influencia positivamente a produção de frutos (Calvazara 1987; Pollak 1995).

Conclusões

O levantamento dos dados sobre a ocupação do trabalho, a fonte de renda e os produtos originados dos açazeiros são os de maior interesse no núcleo familiar. Os frutos do açaí são importantes tanto na alimentação como na venda, pois o pagamento é efetuado à vista; enquanto o palmito é um complemento da renda necessário nos períodos do ano em que não se vende o fruto. Para enfrentar a sazonalidade da produção, tendo em conta os hábitos sociais das comunidades da região, são necessárias intervenções técnicas e políticas. Do ponto de vista técnico, o aumento da renda se daria através das práticas de manejo dos açazeiros que favorecem a produção de frutos e de palmito. A identificação do período adequado para o manejo que corresponde ao verão, quando a renda é mais baixa, torna as medidas políticas mais importantes. É nesse período que seriam necessários financiamentos para o manejo dos açazeiros, com valores relativamente baixos, para garantir o retorno produtivo em menor tempo. A agregação de valor à produção para o fruto do açaí, dar-se-ia com o beneficiamento da polpa. Desta forma, seria garantida a comercialização para os novos mercados do Sudeste e Sul do país. Para o palmito, a construção de uma fábrica comunitária é um primeiro passo importante para romper os laços que ligam o pequeno produtor aos intermediários (marreteiros).

Evidentemente, a organização comunitária é indispensável para realizar, na prática, todas estas propostas e para enfrentar as dificuldades que sempre aparecem no caminho do crescimento. Neste sentido, a experiência no rio Marajó que teve de superar vários obstáculos e, constantemente, depara-se com novos, demonstrou como é possível acreditar em perspectivas otimistas para o desenvolvimento social e econômico sustentável das comunidades da Amazônia.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, AB.; MOUSASTICOSHVIL, Y. & MACEDO, D. 1994. Impactos ecológicos e sócio-econômicos da exploração da *Virola* no estuário amazônico. *Boletim da World Wildlife Foundation*, Brasília, 45p.
- ARZENI, S. 1996. *As hortas domésticas tropicais: uma alternativa de desenvolvimento para economias familiares da Amazônia*. Florença, Universidade de Florença, 156p. Tese de doutorado.
- BRABO, M.J. 1979. Palmeiros de Muaná: estudo sobre o processo de produção no beneficiamento do açazeiro. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Antropologia*, 4(73):68-74. jan.
- CALVAZARA, B.B.G. 1987. *Açazeiro*. Belém, Embrapa-CPATU/Serviço de Documentação e Informação, 6p.
- FEUERSTEIN, M.T. 1990. *Avaliação: como avaliar programas de desenvolvimento com a participação da comunidade*. São Paulo, Ed. Paulinas, 184p.
- JARDIM, M.A.G. 1995. *Cartilha informativa sobre a palmeira açaí*. Belém, MPEG/Serviço de Documentação e Informação, 12p.
- MESQUITA, S.A. & JARDIM, M.A.G. 1996. Avaliação das populações nativas de açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) na comunidade do rio Marajó, município de Gurupá (PA). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Botânica*, 12(2): 265-269.
- MURRIETA, R.; BRONDÍZIO, E.; SIQUEIRA, A. & MORAN, E. 1989. Estratégias de subsistência de uma população ribeirinha do Rio Marajó-Açu, Ilha de Marajó, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Antropologia*, 5(2): 147-163.
- PIRES, J.M. 1979. *Description, fonctionnement et les recherches nécessaires. Les écosystèmes forestiers de l'Amazonie brésilienne*. Paris, Unesco, 680p.
- POLLAK, H.; MATTOS, M. & UHL, C. 1995. A profile of palm heart extraction in the Amazon estuary. *Human Ecology*, 23(3):357-348. ago.
- OLIVEIRA JR., P. 1990. *Ribeirinhos e roceiros: subordinação e resistência camponesa em Gurupá, Pa*. Campinas, UNICAMP, 371p. Dissertação de mestrado.
- OLIVEIRA JR., P. & NASCIMENTO, M.J.M. 1991. *Os trabalhadores rurais em busca de alternativas econômicas*. São Paulo, DNTR-DESEP/CUT, 79p.